

Resenha

STEIN, Ernildo. 2004. *Mundo vivido: das vicissitudes e dos usos de um conceito da fenomenologia*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 192 p.

O professor Ernildo Stein completou 70 anos oferecendo presentes em vez de recebê-los. Este presente tomou a forma de um livro (devidamente acabado um mês antes de seu aniversário, para sermos mais precisos) que logo no prólogo – e veremos: na última página – anuncia ser um divisor de águas (se assim compreendermos um marco que culmina um processo, divide-o em várias vertentes e se encerra). *Mundo vivido*, tradução que o autor propõe para o termo husserliano *Lebenswelt*, reflete o persistente trabalho iniciado na segunda metade dos anos 80, acompanhado por seus alunos, que tomamos parte ativa na investigação, questionando e contribuindo, como se pode ver nas intervenções que despontam ao longo do texto.

Os traços mais marcantes da carreira filosófica de Ernildo Stein estão aqui em sua plenitude: um professor que em aula parece recitar um texto, de tão coerente, articulado e fluido, um escritor que parece efetivamente dialogar com seu leitor, respeitando-o, e um pensador que desenvolve um tema, marcadamente próprio, de forma independente como poucas vezes podemos admirar.

O que já lhe era característico – a tomada de um tema somente na medida em que a partir dele podemos enxergar e questionar toda a filosofia – assume aqui a tarefa de apresentar o tema que ata todo o seu caminho filosófico: o conceito de mundo vivido e as implicações que a leitura heideggeriana pode fazer dele para jogar com o cerne da filosofia, ou seja, a questão do método e da verdade.

As questões perpassam a obra toda para colocar o leitor a par de que problemática o conceito de *mundo vivido* tenta dar conta, seja histórica (a crise das ciências européias, do positivismo), seja sistematicamente (a crise do absolutismo na filosofia). Desta feita, aos poucos, o autor indica a inserção do conceito husserliano e a sua retomada heideggeriana, fazendo-o dialogar com a apropriação que Habermas efetuou. Assim, desde o primeiro capítulo, estes pontos acima apresentados vão tomando forma e conexão, intercambiando-se a fim de que possamos dar conta das questões centrais da filosofia atualmente, no caso, a) que espécie de *a priori* podemos postular; b) como podemos fundamentar proposições? c) podemos predicar verdade e falsidade de sentenças da ética, da psicanálise, da antropologia, etc.? d) a filosofia se restringe ao aspecto lógico-semântico? e) se for o caso, o que se perde com isto? f) qual a pertinência de obras que não se restringem a este campo (tais como *Sein und Zeit* ou *A fenomenologia do espírito*)?

O conceito de *mundo vivido*, forjado por Husserl, permaneceu como um dos conceitos mais representativos da fenomenologia durante um século e tinha por pretensão completar e incorporar à filosofia questões referentes ao mundo concreto e histórico relacionado às condições mutantes da cultura.

Nos anos 1920 e 1930, aparece na filosofia continental a questão acerca de

um novo método da filosofia. Com isso, amplia-se o campo de atuação do pensamento filosófico, daí resultando a necessidade da filosofia dialogar com as ciências humanas. A partir disso, dessa discussão que representa não só uma questão de método, mas também de conteúdo, configura-se uma espécie de convergência entre filosofia e ciências humanas. A filosofia parece, enfim, querer aproximar-se da vida concreta. Mais adiante veremos se “este fazer-se mundo da filosofia” (p. 10) realmente coincidiu com tal aproximação.

Desta forma, com a crise da cultura, com as transformações sociais e políticas, com a crise da metafísica, de um fundamento e de um princípio totalizador, faz-se necessário à filosofia justificar sua existência, através de um novo objeto – o mundo, o *mundo da vida*, o que quer dizer uma reconfiguração do problema do método. Acompanhando esta demanda no pensamento filosófico, no começo do século, temos o surgimento das ciências humanas. O novo paradigma requer um novo processo de filosofar, a fim de preencher o espaço vazio deixado pelo empenho em sistematizar a partir de um princípio totalizador. Eis o ambiente em que surge a questão do mundo da vida. À procura de uma fundamentação das ciências humanas, de uma nova consciência metodológica, de uma nova demonstração e de uma nova racionalidade, a filosofia, diante do mundo vivido, confronta a vida em sua condição concreto-histórica. “O mundo vivido é constituído a partir do universo da significação, mas já sempre dado para toda atividade significativa do ser humano” (p. 12). Contra o fervor do ceticismo, o *mundo vivido* sugere a idéia de que a ponte com o mundo desde sempre está feita.

Em meio à busca de justificação e fundamentação para o conhecimento no universo concreto-histórico da vida, a filosofia não nega sua pretensão com relação às condições de possibilidade, o *a priori*, de modo que garanta a racionalidade das ciências humanas, de um lado, e, de outro, confirme o intento de dizer algo da vida, não redutível ao discurso científico. Portanto, o problema colocado aí não é somente epistemológico, mas também é uma questão histórica.

Levando-se em conta que o que está sendo referido no conceito de *mundo vivido* é anterior, antepredicativo, pré-categorial em relação à experiência, todos nós, de certa forma, já nos colocamos problema semelhante. Husserl, através do seu “ato filosófico fundador”, observava que a noção de *mundo vivido* representava “um instante fora do tempo e do espaço no qual as coisas iniciam o seu movimento” (p. 19-20). Vale lembrar que esta experiência, qual seja, “*Lebenswelt*” – mundo e vida –, nada mais é do que um campo em que outras experiências são acomodadas.

Lebenswelt, conceito formado em 1924, delinea o limite entre dois universos: o das vivências dos atos conscientes, em que a ciência e a filosofia podem discorrer com rigor na análise, e o dos elementos inatingíveis, que não podem ser tematizados metodologicamente por meio da redução transcendental. A existência começa, então, a ganhar espaço no debate, fazendo com que Heidegger, em 1926, realize a sua famosa objeção a Husserl, afirmando que a redução transcendental excluía algo que não podia ser excluído da filosofia. O eu empírico, concreto, existente, cotidiano, segundo Heidegger, não era tematizado na redução transcendental. Aqui encontramos a expressão heideggeriana *In-der-Welt-sein*, ser-no-mundo. A expressão “ser-no-mundo” era sinônimo de *Lebenswelt*. Eis o “chão originário”, que nada mais é do que condição de possibilidade de todas as experiências, já dado, e que sempre nos escapa. Desta forma, o conceito *Lebenswelt* traz consigo problemas na medida em que foi criado para ser um termo através do qual nós falamos, mas sobre o qual nada podemos falar.

Esta experiência deriva daquele ponto marcante na carreira filosófica do autor – ser-no-mundo – onde o Dasein, ao falar e agir, faz brotar sentido por toda parte (lembramos o livro anterior de Stein, no qual retoma a descrição heideggeriana: a pedra é sem mundo, o cão pobre em mundo e o homem formador de mundo),

mas somente a partir desta experiência de co-originariedade entre homem-mundo possibilitadora de todas as outras relações e que se revela em sua disposição habitual para com os entes: envolvimento, preocupação, familiaridade, no modo do compreender operando. Articulam-se os conceitos mais singulares da temática steiniana neste momento: pré-compreensão, ser-no-mundo e mundo vivido.

Na gênese do mundo vivido, que também pode ser compreendida como a busca pela racionalidade do universo das ciências humanas, ou seja, a busca pelo seu fundamento filosófico, através de frases e proposições, cabe a pergunta: afinal, que valor têm estas frases e proposições que pronunciamos ao falar do conceito de mundo da vida? Mundo da vida, sendo um não-lugar, não se referindo a um objeto, comporta a representação de um sujeito, algo da ordem da subjetividade. Cada sujeito tem o seu mundo vivido e dele tem algo a dizer. E mais, o *mundo vivido*, residindo na dimensão do já dado, anterior aos conceitos de natureza, de mundo natural, de sujeito, de objeto, do conhecimento objetivo, de substância, é anterior até mesmo à relação sujeito-objeto.

Assim, Ernildo Stein propõe que na discussão deste conceito de mundo, ao invés de falar em conhecimento, utilizemos a palavra encontrar, ou até mesmo deixar-ser, ou fazer ver. Segundo Stein, é importante perceber que o conceito de mundo vivido é um conceito de filosofia e de ciências humanas em crise.

Resta, então, a pergunta principal: até que ponto a invenção do conceito de mundo da vida realmente é inovador na filosofia contemporânea? Tentando resolver o problema deixado por Kant, no que se refere à cisão entre o sujeito que conhece e o universo que se pretende conhecer, Husserl resolve apelar não somente ao racionalismo, tampouco somente ao empirismo, mas sim a uma postura transcendental, porém não calcada num eu transcendental tal qual o proposto por Kant. É este espaço vazio, insolúvel tanto por Kant como por Hegel, e sobre o qual nada se tem a dizer, que Husserl identifica como sendo o "campo do vivido".

Podemos fazer uma aproximação desta noção com a concepção de mundo em Heidegger, onde o conceito de mundo adquire duplo sentido: mundo enquanto continente, totalidade, e mundo enquanto mundo do homem. A expressão "ser-no-mundo" tenta resolver os dois nós obscuros da filosofia: o nó da síntese intuição-sensibilidade e o nó do ser do mundo prático, obedecendo a um dever-ser. Desde sempre articulado com o mundo, o homem aí se dá. Assim, o mundo é o *como* do homem.

Já podemos vislumbrar que, aos poucos, o autor insere esta condição prática como disposição do homem para colocar a concepção de que a filosofia reporta o vivido (p.116) e pincela a questão do estilo do filósofo, afirmando: "os filósofos não são tudo gatos do mesmo saco" (p. 118); o porquê disto veremos adiante.

O último capítulo, talvez aquele no qual o autor se mostra em sua maior elasticidade, agudeza e sinceridade inestimáveis, parte da questão da imparcialidade nas ciências humanas e da confusão da relação sujeito-objeto: em lugar de depreender o objeto do sujeito, eu vou buscar os compromissos do sujeito com o objeto, o que parece ser profundamente anticientífico e torna-nos impossível a formalização; devemos então criar um novo conceito de ciência. Que conceito? Um conceito que insira e derive de uma lógica da justificação. Aqui, seria possível abrir realmente o campo do mundo vivido para as ciências humanas (onde elas escondem seus pressupostos) e possibilitar à filosofia um algo mais. Qual algo mais?

Neste ponto, o autor pode tratar livremente acerca do fazer filosófico atualmente: a problemática de como ter acesso aos textos, por um lado, e o que seria um texto de valor filosófico. No último ponto, Stein coloca os limites da filosofia reduzida ao aspecto lógico-semântico (retaliação a Tugendhat?), que acabaria por excluir da tarefa filosófica o diálogo e, sobretudo, a dimensão do indizível (juntamente com diversos autores e obras, entre eles, Heidegger, Hegel, Kant e Husserl). No primeiro ponto, Stein postula, remetendo-se a diversos fatos do cotidiano, a

necessidade de termos um caminho andado para lermos textos. Desta feita, os textos podem ou ser jogados fora, ou ser apropriados parcialmente, enriquecendo-nos, ou simplesmente só confirmar nossa posição. Ou, quem sabe, em último ponto, servir-nos para largarmos tudo e ir plantar batatas! (p. 176). Neste capítulo, podemos sentir a fala livre do autor a expor sinceramente os dilemas do fazer filosófico – em ao só filosófico – atual. Critica o acesso à Universidade que não pressupõe um caminho andado, critica a gratuidade de certos atos – como tal, ler um livro sem o tal caminho, o que facilmente nos desviaria do pretendido: “converter meios em fins é o maior sinal de mediocridade. E é o que fazemos constantemente” (p. 176), comparando com a criança que a mãe manda ir comprar leite na padaria, pára para jogar bolinha de gude e esquece o que tinha a fazer.

Expõe que normalmente o debate filosófico deriva de um sentimento de certa idéia ser verdadeira ou correta, e daí pressupomos que o outro também a sinta. Neste momento, relembra Hegel: quem faz isso pisa as raízes da humanidade. Postula que Habermas, pressupondo uma razão compartilhada, pode estar pisando as raízes da humanidade.

E, por último, coloca que as proposições filosóficas não podem ser justificadas, como se pode fazer com as proposições que se situam no campo lógico-semântico. Aquelas são proposições transcendentais, que fundamentam as proposições que utilizamos nas ciências e na linguagem cotidiana. Aquelas são as frases que apon-tam para o mundo vivido, elas mesmas não passíveis de validação e fundamentação, ou seja, não podem ser justificadas. Desta feita, somente o eterno debate, o infinito fazer filosófico poderia se manter, sem pisar as raízes da humanidade. E afirma: “Essa é a grande questão.” (p. 178).

Retomando temas discutidos em outros textos, Stein propõe à filosofia que: primeiro exerça um trabalho propedêutico, de esclarecimento de conceitos, para depois se debruçar sobre o texto, para além da questão verbal e terminológica, e que virá a complicar a lógica-semântica.

O último parágrafo vale a transcrição:

Confesso que, para mim, não há outra coisa em filosofia que me cause entusiasmo senão ir atrás desta questão. Isso pode ser uma idéia fixa, mas acho que muitos filósofos foram atrás destas questões. Quando olho para trás, numa espécie de balanço, digo: “esse foi o livro de minha última etapa. Eu vou encerrar a etapa (ainda que não haja um fim para as etapas) um dia, mas sempre surge a impressão de que agora vou falar tão claramente que não ‘engulo mais sapos nem faço mais outros engolirem os sapos que aparecerem em meus textos’!” E sempre de novo vejo que isto não se concretizou. Em toda filosofia se apresenta, de certo modo, uma espécie de tarefa infinita: a tentativa de fugir, estando em consciência disso, da equivocidade dos textos filosóficos; ou a tentativa de uma linguagem com equivocidade mínima, o mais lógica possível, e o mais transparente possível! (p. 188-189).

Poderíamos dizer que Stein, através do *mundo vivido*, lembra a todos nós, herdeiros da crise de fundamentos do século XX, a singela verdade: o fascínio pelo saber completo conduz todo investigador honesto ao encontro incontornável com o furo no saber.

Mario Fleig
Professor do PPG-Filosofia da UNISINOS
Felipe Garrafiel Pimentel
Bolsista PIBIC, acadêmico de Psicologia, UNISINOS
Guilherme Olivier da Silva
Bolsista UNIBIC, acadêmico de Psicologia, UNISINOS